

A CONTRIBUIÇÃO DAS FONTES PRIMÁRIAS PARA A HISTÓRIA DA ADOÇÃO DO MÉTODO INTUITIVO NO ESTADO DE SÃO PAULO: O ARQUIVO HISTÓRICO DA ESCOLA COMPLEMENTAR DE CAMPINAS.

Oscar Teixeira Junior

Instituto Japi de Ensino Superior

EIXO TEMÁTICO: ARQUIVOS, CENTROS DE DOCUMENTAÇÃO, MUSEUS E EDUCAÇÃO.

O presente trabalho foi realizado no âmbito do projeto “O Arquivo e a biblioteca como lugares de memória: a constituição do Centro de Memória da Escola Estadual Carlos Gomes”, financiado pela FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo), e sob a coordenação da professora doutora Maria Cristina Menezes. Tem por objetivo apresentar os resultados obtidos em pesquisa realizada em nível de pós-graduação, em história da educação, sobre a concepção e utilização do método intuitivo na Escola Complementar de Campinas – São Paulo, no período correspondente à primeira década do século XX, tendo como fontes primárias os documentos produzidos por tal instituição, e que atualmente integram o Arquivo Histórico da Escola Estadual Carlos Gomes.

A implementação do método intuitivo no sistema educacional paulista, a partir de 1890¹, propugnava ser uma ruptura com o modelo de educação vigente no período imperial, na medida em que valorizava a utilização de objetos e imagens como deflagradores do processo de aprendizagem, se opondo a uma educação “verbalista”, centrada na memorização de conteúdos, e de cunho marcadamente especulativo e abstrato, fortemente influenciado por concepções religiosas.

A primeira década republicana ficou caracterizada pelas sucessivas reformas que definiram a estrutura do ensino paulista, consolidando um modelo de ensino que ficaria em vigência por várias décadas e que serviria de exemplo na reestruturação dos sistemas de ensino em outras unidades da federação. (Carvalho, 2000; Tanuri 2000)

¹ A primeira vez que um texto legal prescrevia a utilização do método intuitivo no Brasil foi em 1879, no Rio de Janeiro, através da Reforma realizada por Leôncio de Carvalho (VALDEMARIM, 2004).

O perfil do “homem moderno”, delineado na proposta dos reformadores paulistas, equivalia ao do homem com amplos conhecimentos enciclopédicos (Cf. Caetano de Campos, apud RODRIGUES, 1930), uma vez que o domínio prático de várias áreas do conhecimento poderia significar um passo decisivo em direção ao progresso material almejado.

O “atraso nacional” era imputado às deficiências na escolarização. A incapacidade da escola em produzir indivíduos “ativos” era a responsável pelo pouco desenvolvimento na industrialização nacional; o que justificava que o método intuitivo fosse concebido como uma tentativa de se atacar o caráter abstrato e pouco utilitário da educação, fomentando o desenvolvimento da “inteligência criadora” (KUHLMANN JÚNIOR, 2001).

O modelo científico que embasa o método intuitivo era o mesmo utilizado nas ciências naturais, no qual a observação sensorial dos fenômenos e objetos deveria fornecer os dados empíricos para construção e sistematização dos conhecimentos aceitos como válidos; estabelecendo um vetor de aprendizagem que, partindo dos dados concretos, levaria ao domínio abstrato dos princípios e leis presentes no mundo físico. (TEIXEIRA JUNIOR, 2005).²

Desta forma, em consonância com o método proposto, os objetos, imagens e “coisas” passaram a desempenhar um importante papel no processo de ensino das instituições paulistas, uma vez que a partir da manipulação de tais recursos didáticos deveria se construir todo o conhecimento escolar.

Considerando o valor educacional que se passou a atribuir aos objetos, figuras e instrumentos científicos importava indagar as fontes primárias³ sobre a introdução e utilização desses novos materiais na instituição elegida.⁴

Neste sentido, as fontes primárias pertencentes ao Arquivo Histórico Escolar mostram-se profícuas de duas formas distintas, quais sejam: por um lado trouxeram importantes informações sobre a cultura material escolar - sobretudo através dos apontamentos presentes

² No mesmo sentido, reforçando a idéia de que o processo de ensino deveria começar pelos sentidos e pelas manipulações concreta da natureza, era bastante utilizado um aforismo de Pestalozzi, para explicitar a intenção presente no método intuitivo: “Cultivae primeiro os sentidos e nunca ensineis a um menino o que elle pode descobrir por si mesmo.” (Pestalozzi, apud RODRIGUES, 1930).

³ Entendidas aqui como os documentos produzidos pela própria instituição pesquisada, a Escola Complementar de Campinas, durante seu período de existência; qual seja, de 1903 a 1911.

⁴ Algumas poucas indicações sobre como o método intuitivo deveria ser utilizado nas Escolas Complementares, tipo de instituição pesquisada em meu trabalho, estavam indicadas no Regimento Interno (Decreto 400, de 1896). Todavia, a simples indicação em texto legal não era suficiente para responder em que medida tal método fora realmente utilizado.

no livro de “Despesas de Expediente” e nos livros de “Registro de Correspondência” -, possibilitando identificar a compra e utilização de materiais didáticos, de gabinetes de física, química e de ciências naturais (com a conseqüente montagem de laboratórios para o ensino dessas disciplinas), e da instalação e funcionamento de oficinas de torno e de modelagem, para que se pudesse produzir e reproduzir objetos úteis tanto ao ensino, quanto ao progresso material da sociedade.

Por outro lado, para além dos aspectos materiais já assinalados, as fontes primárias contribuíram para explicitar uma determinada concepção referente ao método intuitivo adotado pela instituição, o que permitiu uma interlocução dos documentos do Arquivo Histórico com os livros, manuais e revistas pertencentes ao acervo da Biblioteca Histórica da mesma instituição, com especial destaque para os manuais sobre as “lições de coisas”; os modelos de aulas propostos pelas Revistas do Ensino – editadas pela Associação Beneficente do Professorado Público de São Paulo; e as instruções, orientações e relatórios dos inspetores de ensino, presentes nos Anuários do Ensino do Estado de São Paulo.

No presente trabalho se dará destaque à constituição do espaço físico e à aquisição de materiais necessários à implementação do método intuitivo na instituição em apreço.

Em relação ao espaço físico, a Escola Complementar de Campinas era um caso particular, se comparada às outras quatro instituições do mesmo gênero que existiram no estado de São Paulo⁵, uma vez que foi a única que durante todo seu período de existência funcionou em prédios alugados, não contando com instalações apropriadas ao método de ensino proposto.

Neste sentido, as informações pertinentes ao funcionamento do estabelecimento, sobretudo no que diz respeito à utilização do espaço, são importantes indícios sobre as práticas e as atividades escolares.

O Regimento Interno das escolas complementares prescrevia a existência de um anfiteatro, oito salas de aula (quatro para cada seção), um gabinete para o diretor, uma sala de professores, um depósito de material didático, uma biblioteca e salas independentes para as oficinas de trabalhos manuais. Para além dessas prescrições legais, os prédios escolares

⁵ As outras instituições eram: Escola Complementar anexa à Escola Normal de São Paulo; Escola Complementar anexa à Escola Modelo Prudente de Moraes – São Paulo (posteriormente transferida para a cidade de Guaratinguetá); Escola Complementar de Itapetininga e Escola Complementar de Piracicaba.

construídos pelo Governo do Estado possuíam ainda uma sala para a instalação dos laboratórios de física, química e um museu de ciências naturais.

As oficinas de trabalhos manuais eram de suma importância para o método intuitivo, na medida em que propiciavam à compreensão da natureza através de sua reprodução e modificação e porque o domínio de artefatos úteis à vida no ambiente urbano poderia melhorar o padrão material dos escolares e de suas famílias.

Para a seção feminina prescrevia-se trabalhos de agulha (costura) e prendas domésticas e, para a seção masculina, trabalhos de modelagem e escultura em argila, bem como torno de metais e trabalhos em madeira.

Segundo as fontes primárias, tais oficinas já estavam em funcionamento desde o primeiro ano de existência da instituição, sendo que sua completa organização foi sendo completada no decorrer da existência da instituição.

Ambos os espaços foram sendo instalados durante vários anos, e é possível acompanhar esse processo através da compra de material de consumo e do mobiliário. A sala de prendas domésticas deveria ficar localizada no piso superior da escola e a sala de modelagem e escultura no piso inferior, posto que somente as aulas de trabalhos manuais da seção masculina foram interrompidas durante a reforma que se fez no primeiro piso, na data de 23 de maio de 1904.⁶

O material solicitado para a oficina de modelagem (em gesso e em barro) era composto de uma mesa grande e 14 pequenas, 28 pranchetas, seis arcos para serras pequenas de 30 a 35 cm, dois alicates pequenos, seis formões, um serrote, dois martelos pequenos, seis dúzias de papel de lixa, 12 palitos de ferro para trabalhos manuais, e 24 modelos de madeira imitando gesso.⁷

Uma outra justificativa para esse tipo de atividade no programa, além daquelas que inicialmente foram apresentadas, pode ser buscada na necessidade que o desenvolvimento do método intuitivo tinha de recorrer a objetos materiais:

“Como arte de saber-fazer-com, ensino e aprendizagem são práticas fortemente atreladas à materialidade dos objetos que lhes servem de suporte”. (Carvalho 2000, p. 113)

⁶ Ofício 22, de 28 de maio de 1904. Folha, 29.

⁷ Ofícios 44, de 4 de julho de 1903 e 50, de 02 de agosto de 1903.

Em alguma medida, o sucesso da utilização do método intuitivo no ensino primário estava relacionado à capacidade dos futuros mestres produzirem e reproduzirem uma série de materiais que pudessem ser utilizados para fins educacionais; sendo que o mesmo raciocínio se aplicava aos trabalhos da seção feminina.

Para sala de prendas domésticas adquiriu-se uma mesa grande, e materiais de consumo não especificados. As atividades de trabalho manual para o sexo feminino, no primeiro ano, eram assim determinadas: “*crochet, tricot, filet, e filot. Trabalhos de tapeçaria. Trabalhos de costura em branco: pontos diferentes: bainha simples, bainha aberta, ponto de cerrar, ponto adiante, ponto atrás, pospontos, pontos de ornamento. Confeção de flores de papel, de lã, de pano etc*”.⁸

Os trabalhos elaborados, em ambas as seções, eram selecionados e, ao final de cada ano letivo, expostos em evento aberto ao público, nas dependências da escola complementar.

A qualidade de ensino oferecido em cada instituição escolar, conforme vários relatos presentes na Revista do Ensino, era medida pela qualidade dos trabalhos realizados por seus alunos.

A exposição dos trabalhos manuais visava mostrar o grau de desenvolvimento e o progresso obtido pelos alunos no ambiente escolar; reforçando a idéia do desenvolvimento social através da escolarização. Tais exposições ocorreram em todos os anos de funcionamento da Escola Complementar de Campinas; sendo realizadas no final do mês de novembro.

Se, por um lado, as oficinas de trabalhos manuais já estavam em funcionamento desde o primeiro ano de existência da instituição, o mesmo não se daria com as oficinas de física e química e com o museu de história natural, que só funcionaria a partir do último ano de funcionamento da instituição.

Apenas em 1910 se instalaria o último ambiente previsto pelo Regimento Interno, qual seja a oficina de física e química e o museu de história natural⁹, sem os quais não se poderia cumprir as exigências do programa.

⁸ Programa de conteúdos, anexo ao Regimento Interno das escolas complementares.

⁹ Artigo 52 do Regimento Interno.

A demora na instalação desse espaço ocasionou prejuízo para o desenvolvimento das atividades de tais disciplinas, conforme atesta Antonio Alves Aranha, diretor da escola¹⁰:

“peço-vos auctorização para completar a organização material deste estabelecimento onde o ensino de physica, chimica e historia natural não tem passado de apresentação, digo, exposição de terrarios e apresentação de dezenhos de objectos em que se fazem os necessarios experimentos.”

Nota-se, de forma evidente, que na ausência dos gabinetes de física e química houve séria restrição da utilização do método intuitivo, haja visto, que não foi possível ensinar tais conteúdos através de práticas de laboratórios, e sim através da apresentação de imagens dos equipamentos científicos e descrição teórica das reações e resultados que deveriam ser obtidos por meio das experiências.

Na tentativa de equacionar os problemas apresentados pela falta de equipamentos que se prestassem ao cumprimento do programa, solicita-se, em 1909, a importação de um gabinete de física e de um gabinete de química do catálogo “*Deyrolle*”, além de um microscópio¹¹.

A escolha do catálogo em apreço deu-se por razões econômicas¹², e a importação dos gabinetes ficaria por conta da casa Genoud, de Campinas, que possuía uma seção de materiais de consumo e objetos para escolas.

A utilização de desenhos nas aulas de física e química demonstra a importância que o desenho, como disciplina, possuía para o método intuitivo, não apenas porque poderia servir de exemplo na impossibilidade de apresentar aos alunos os materiais e objetos naturais previstos, mas, principalmente, porque a compreensão da natureza ficava evidenciada na reprodução perfeita das formas, proporções, elementos e componentes.

Considerações Finais

¹⁰ Ofício 72, de 10 de setembro de 1909.

¹¹ Ofício 77, de 27 de setembro de 1909.

¹² Em ofício de número 129, datado de 18 de novembro de 1905, o diretor da Escola Complementar de Piracicaba envia ao Secretário do Interior uma solicitação para a compra de materiais destinados à instalação do museu de História Natural. No mesmo ofício envia um orçamento encomendado a Casa Francisco Alves & Co. (livreiros e editores), sediada na cidade do Rio de Janeiro, no qual são discriminados os produtos de marca Deyrolle (cotado em 227\$000), e da marca Gervrais (cotado em 245\$000).

No presente texto procurou-se oferecer exemplos de que forma a utilização das fontes primárias de uma instituição escolar poderia contribuir para a elucidação da implementação do método intuitivo no Estado de São Paulo, o que remete à questão de como tais documentos podem contribuir no estudo das culturas escolares e culturas materiais das instituições de ensino.

Deve-se ressaltar, no entanto, que dada à especificidade que o presente texto deveria conter, não foram exploradas todas as possibilidades presentes nas fontes primárias, sendo necessário para isso consultar a dissertação de mestrado do autor, indicada na bibliografia.

Finalmente, deve-se destacar as limitações presentes na utilização dos documentos dos acervos históricos das instituições escolares. Neste sentido, (conforme FRANÇOIS, 1998), é preciso não sucumbir frente à “ilusão do arquivo”, e compreender que os arquivos não podem responder a todas as questões feitas pelos historiadores:

“A terceira exigência consiste em ressaltar que as fontes não dizem tudo, não podem dizer tudo – mesmo quando as lemos escrupulosamente e formulamos as questões certas”. (FRANÇOIS, 1998, p. 159)

Todavia, uma vez que se consegue estabelecer o diálogo das fontes primárias com o acervo da biblioteca histórica escolar, bem como com as publicações e memórias históricas, além dos próprios objetos referentes à cultura material escolar, novos elementos, temáticas e considerações, negligenciados em uma visão tradicional da história das instituições, vêm a lume, trazendo preciosos indícios sobre práticas escolares em processo de esquecimento.

BIBLIOGRAFIA

ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE DO PROFESSORADO PÚBLICO DE SÃO PAULO.

Revista do Ensino, vários números, Anos I a XIV (1902 a 1915)

CARVALHO, Marta. M. C. Modernidade Pedagógica e Modelos de Formação Docente. In: *São Paulo em Perspectiva*: jan/mar 2000, Vol. 14, n. 1, pp. 111 – 120.

FRANÇOIS, Étienne. Os “Tesouros” de Stasi ou a Miragem dos Arquivos. In: BOUTIER, Jean e JULIA, Dominique (orgs.) *Passados Recompostos: campos e canteiros da história*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Editora FGV, 1998.

KUHLMANN JUNIOR, Moysés. *As Grandes Festas didáticas: A Educação brasileira e as Exposições Internacionais. (1862 – 1922)*. Bragança Paulista, SP: Universidade São Francisco, 2001.

RODRIGUES, João Lourenço. *Um Retrospecto: Alguns subsídios para a história do Ensino Público em São Paulo*. São Paulo: Instituto D. Anna Rosa, 1930.

TANURI, Leonor M. História da Formação de Professores. In: *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo, Mai/Jun/Jul/Ago 2000, n. 14.

TEIXEIRA JUNIOR, O. *Escola Complementar de Campinas (1903 – 1911): Espaço, Culturas e Saberes Escolares*. (Dissertação de Mestrado). Unicamp. Campinas, SP, 2005.

VALDEMARIM, Vera T. *Estudando as Lições de Coisas*. Campinas – SP: Autores Associados, 2004.